



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

História

História de vida

História completa

Num longínquo e rigoroso Inverno, a 28.02.42, («Fevereiro, do ano o mais pequeno mês, mas o mais amês») nasceu um bebé a quem puseram o nome de Manuel, segundo filho de um casal muito pobre. Foi no mais aceso da 2ª Guerra Mundial, com carências de toda a ordem. O meu pai era cantoneiro da Junta Autónoma de Estradas e a minha mãe, costureira, não tinha serviço. Viviam só do magríssimo ordenado do meu pai e dos produtos do quintal que cultivavam. Nasci em casa, numa aldeia, Caxeira, a 9 kms de Leiria (Portugal). Casa de adobe, já era do avô do meu pai, paredes de meio metro, composta por uma cozinha, dois quartinhos e "casa de fora" (a maior divisão da casa), a sala. Ainda existe e é habitada. A minha mãe foi assistida, como era hábito nesse tempo, por uma comadre, com "prática" de parteira. Fui menino pé-descalço até aos 10 anos. Dizia a minha mãe que eu era o diabo em pessoa. Era somente um menino muito ledado e ladino, ansioso por um beijo... Hoje, devido à minha situação clínica, nem me reconheço. Nada parava comigo. Os meus três irmãos, duas moças e um rapaz, sofriam. Relacionava-me facilmente com os garotos vizinhos para brincar e fazermos travessuras e se eu não comandava a maior parte delas, na escola, era por temor da pancadaria que apanhava, mas alinhava sempre. Honra me seja feita, não passava um dia que não apanhasse da minha mãe e/ou da professora. Penso que foi na 4ª classe. A professora era uma jovem bonita. Num dia de Verão, para nos explicar já nem sei o quê, senta-se à minha frente no tampo da carteira, blusa decotada, apetitosa. Sorrateiramente, ergo-me para espiar pelo decote. Em flagrante Furiosa que nem um raio, zás zás desanca-me desalmadamente, parte uma régua de pinho (servia de palmatória) e estreia uma nova, de carvalho, nas minhas mãos. Imaginem só: quanto não custou a um garoto de palmo e meio, magro e mal alimentado, uma infrutífera espreitadela Na primária, era o melhor em tudo, excepto nas contas (matemática) que era o segundo. A educação que me deram foi a do castigo a todo o custo, intolerante, factor que, conjuntamente com a falta de carinho e a proibição de brincar com a outra garotada, me marcou para toda a vida, condicionando-me a uma ambiversão danada e repercutindo-se na educação dos filhos. Gostava de ir brincar com um amigo que vivia numa casa à beira-rio, com moinho, mas até esse prazer me era cerceado. Então, fazia blocos de barro com caixas de fósforos e com eles construía casinhas cobertas de palha para os meus carrinhos: seixos ou pedaços de madeira que adaptava. Passei por um seminário de fugida: mandaram-me embora porque não era "santinho". O primeiro emprego que tive, numa Casa Bancária: mandaram-me embora no mesmo dia porque nem o telefone sabia atender. Era a primeira vez que tocava num bicho daqueles... O tempo foi passando e o meu pai, de quem guardo a imagem, confirmada, de um homem bom, paciente e amigo, contrariando a minha mãe e amigos, pôs-me a estudar. Tirei o Curso Geral do Comércio, frequentei o Preparatório para o Superior mas desisti porque, entretanto, para ajudar em casa comecei a trabalhar, explorado 12/14 horas por dia, a troco de um cibo. No emprego, além de trabalhos pesados, fazia o que gostava: Contabilidade. Entretanto, para poder fugir de casa sem zanga, fui para a tropa. O meu pai bem que queria que eu tudo fizesse para me livrar, inclusive servir-me dum grave e recente acidente rodoviário, mas escondi-o bem, fui aceite e fiz uma dura recruta de 6 meses em que perdi 14 kgs. Passado um ano ofereci-me para ir para o Ultramar. Disseram-me que era maluco, pois ia morrer de certeza na guerra colonial, mas em 1965 embarquei para a Guiné-Bissau. Fiz a "guerra do papel" no QG, graças a Deus, apesar de ter a especialidade de atirador. Aqui, elevei-me profissionalmente acima dos colegas da Repartição, tendo conquistado as boas graças do Chefê, o que me valeu de muito, pois tive dois processos disciplinares, um deles gravíssimo (sim, tive mesmo medo) e ele conseguiu safar-me. Bem. Durante uma vinda de férias a Portugal, conheci uma garota com quem vim a casar, em 1967, ano do regresso e saída da vida militar. Mas, saudoso do clima e do viver de África, fiz-me contratar, em 1968, para Moçambique, onde permaneci 11 anos. Mais uma contrariedade para a dona e para a mãe dela pois queriam que eu fosse para o Canadá. Claro, o divórcio acabaria por dar-se. Em Moçambique, onde ainda tenho o coração e depois de cumprir o contrato que me levava até lá, tornei-me bancário. Contabilidade e depois gerente de Agências. Assisti à Independência em 1975, com toda a carga de problemas, morticínios, debandada dos brancos exploradores. (Pode ler 4 casos difíceis por que passei). Retornei de Moçambique em 1979. Mais pobre do que quando fui. Já em Portugal, integrado no sistema bancário, refiz a minha vida a partir do zero com uma maravilhosa moça brasileira, que desencantara em 1979 no Recife. É que, estando prestes a retornar, e porque o Governo Moçambicano só nos permitia trazer 20 Kgs dos nossos pertences pessoais, vendi e dei o que tinha e, qual aventureiro, fui conhecer mundo. Desde 1980 que a Mércia, ex-professora primária, ex-bancária, por opção própria, frontal e assumida, é dona de casa a tempo inteiro. Pobrezinha, ter que cuidar de 4 homens é duro mesmo Encontro-me reformado (aposentado), há dois anos. Apesar disso, não me faltam ocasiões para ocupar o meu tempo: leio, escrevo, trato do meu quintal, faço serviços de táxi para um amigo quando necessita - para mim, a condução é um dos prazeres da vida. A Mércia e eu ajudamos, graciosamente, os vizinhos no que podemos, a Paróquia: catequese, confecção do jornal paroquial, Missões, etc. Não por dinheiro; não vivemos abonados, não senhores, mas porque, como católicos praticantes que somos, achamos que devemos e gostamos de ajudar as pessoas sem esperar recompensa. E porque, e é isto que testemunhamos e dizemos aos nossos três filhos, a vida só tem sentido quando é orientada para o fim supremo de ajudar as pessoas. «Trata-se de elevar cada contacto com o próximo a um plano sobrenatural» (Chiara Lubich). De ver Jesus no outro. É difícil, é. O nosso maior desejo é ver os nossos filhos formados, não sabemos como, Deus nos ajudará, e irmos viver para o Brasil. As saudades consomem a Mércia. Sonhar também é viver. Entretanto, gostava de me corresponder com gente que goste de literatura, fotografia, escrever pelo gosto de escrever, etc. Convido-vos a visitarem-me na web: <http://www.terravista.pt/IlhadoMel/2333>.